

## CONTRIBUIÇÕES DO VERBO À COESÃO E À COERÊNCIA TEXTUAIS <sup>1</sup>

LUIZ CARLOS TRAVAGLIA  
Universidade Federal de Uberlândia

### RESUMO

Dans cet article on met en relief l'importance du verbe pour la constitution et fonctionnement discursif des textes et on relève une serie de faits du fonctionnement textuel-discursif des verbes. Ces faits représentent des apports de cette classe de mots (par ses formes et categories et aussi par les types de situations et des procès que cette classe de mots peut indiquer) à la cohésion et à la cohérence textuelles. On présente également dans cet article des études réalisées sur ces faits, avec une syntèse de resultats. On remarque que ces études sont encore au début et on esquisse un tableau de quelques recherches qui peuvent être réalisés sur ce sujet.

### 1. INTRODUÇÃO

O verbo sempre foi considerado uma palavra fundamental na estruturação das orações e frases. Estudando a constituição e funcionamento discursivo do texto pudemos observar que também neste caso o verbo tem um papel importante, poderíamos dizer fundamental. Esta importância do verbo para a constituição e funcionamento do texto tem ressaltado de estudos do funcionamento textual-discursivo do verbo que temos realizado.

Nosso objetivo aqui é apresentar alguns fatos sobre o funcionamento textual-discursivo do verbo que resultam em contribuições dessa classe de palavras (através de suas formas e categorias e também dos tipos de situações<sup>2</sup> ou processos que ela pode indicar) à coesão e à coerência textuais. Estes fatos serão apresentados de maneira geral, sem fazer detalhamentos que seriam sem dúvida interessantes, mas para os quais não temos espaço.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi apresentado no X Congresso Internacional da ALFAL em Veracruz - México em abril de 1993.

<sup>2</sup> Usamos o termo "situação" como um termo genérico ou superordenado para nos referirmos a ações, fatos, fenômenos, estados, etc. indicados pelo verbo.

## 2. VERBO E COESÃO

Entendemos por coesão as ligações entre os elementos da superfície textual. Com KOCH (1988 e 1989) consideramos dois tipos básicos de mecanismos de coesão:

1) a **coesão referencial** “que se estabelece entre dois ou mais componentes da superfície textual que remetem (ou permitem recuperar) um mesmo referente (que pode, evidentemente, ser acrescido de outros traços que se lhe vão agregando textualmente” (KOCH-1988:75). Este tipo de coesão ocorre através de dois mecanismos básicos: a) **substituição**, “quando um componente da superfície textual é retomado (anaforicamente) ou precedido (cataforicamente) por uma pro-forma” (KOCH-1988:75); b) **reiteração** que pode se fazer através de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais definidas ou repetição do mesmo item lexical;

2) a **coesão seqüencial** que “é aquela que diz respeito aos procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem diversos tipos de interdependência semântica e/ou pragmática entre enunciados (ou partes de enunciados) à medida que se faz o texto progredir” (KOCH-1988:75). A coesão seqüencial ocorre também através de dois mecanismos básicos (Cf. KOCH-1988:76-78): a) a **recorrência** que se faz através da recorrência de termos, de estruturas (paralelismo), de conteúdos semânticos (paráfrase), de recursos fonológicos segmentais e suprasegmentais (ritmo, rima, aliteração, eco, etc.), de aspectos e tempos verbais; b) a **progressão** cujos mecanismos possibilitam:

- a **manutenção temática** pelo uso de termos de um mesmo campo lexical e

- os **encadeamentos** que podem ocorrer por **justaposição** (com o uso de partículas seqüenciadoras temporais que se referem ao tempo do mundo real ou partículas ordenadoras ou continuativas de enunciados ou seqüências textuais) ou por **conexão** (feita por meio de conectores do tipo lógico ou por operadores do discurso, estabelecendo os dois tipos de conectores relações diversas).

Em nossos estudos sobre o funcionamento textual-discursivo do verbo<sup>3</sup>, e também em estudos de outros autores como WEINRICH (1968), observamos que o verbo (através de suas formas e categorias e dos tipos de situações e processos que pode expressar) atua sobretudo como recurso de coesão seqüencial. Evidentemente, se um verbo retoma outro que é seu sinônimo temos coesão referencial por reiteração, mas aí o mecanismo e o recurso de coesão não se devem ao fato de ser verbo, mas um item lexical sinônimo de outro. Este comentário vale também para a coesão seqüencial por manutenção temática, se ela ocorre porque usamos uma série de verbos do mesmo campo lexical, e para a coesão seqüencial por recorrência, se temos a repetição do mesmo verbo, porque, nestes casos, os mecanismos não se devem ao fato de termos verbos, mas itens

---

<sup>3</sup> Cf. TRAVAGLIA-1991.

lexicais do mesmo campo semântico ou o mesmo item lexical<sup>4</sup> respectivamente. Uma outra possibilidade do verbo atuar como recurso de coesão referencial por substituição seria o caso de ele ser usado como pró-forma verbal. Com frequência aponta-se o inglês “do” ou “did” como exemplo típico de pró-forma verbal. No Português, MORAES (1986:371) e KOCH (1989:44) referem-se ao uso do verbo “fazer” como uma espécie de pró-forma verbal e KOCH (1989) cita um uso substitutivo do verbo “ser”.

O verbo será o responsável por mecanismos de coesão sequencial por recorrência, quando ele através de suas formas, categorias ou tipos de situação que expressa cria o que chamamos de **continuidades** (a permanência de qualquer elemento ou a sequência de elementos do mesmo tipo no texto como um todo ou em partes dele)<sup>5</sup>. Essas continuidades são intrinsecamente ligadas aos tipos textuais e com frequência servem à caracterização destes e a sua distinção de outros tipos e/ou subtipos.

Em nossas pesquisas encontramos os seguintes tipos de continuidades estabelecidas pelo verbo em diferentes tipos de textos:

1) continuidade de tipos de verbos<sup>6</sup> e situações<sup>7</sup> para diferentes tipos de textos. Em nossos estudos até agora o que constatamos é que nenhum tipo de verbo ou situação é exclusivo de algum tipo de texto, mas em alguns casos há certas preferências. Apenas a título de exemplo citamos aqui algumas dessas preferências:

a) os verbos de situação dinâmica predominam em todos os tipos de textos (descritivos, dissertativos, injuntivos e narrativos), mas parecem ser marca incontestada de todos os tipos de narração (média de 80% dos verbos presentes nos textos), das descrições dinâmicas (média de 91%) e dos textos injuntivos (média de 90%).

b) os verbos de situação estática aparecem em maior número nas descrições estáticas (média de 36% dos verbos), mas contrariamente ao que normalmente se encontra proposto nos estudos sobre tipologia o que predomina em todos os tipos de descrição são os verbos de situação dinâmica. Os verbos de situação estática são bastante frequentes também na dissertação (média de 22%). Observa-se que todos os verbos de

---

<sup>4</sup> Estes três fatos caracterizam o que chamamos em TRAVAGLIA (1991:98) de “continuidade temática”. Ver adiante como definimos continuidade.

<sup>5</sup> Cf. TRAVAGLIA-1991.

<sup>6</sup> Em nossas pesquisas propusemos e utilizamos o seguinte quadro de tipos de verbos: a) os verbos lexicais que expressam situações, funcionando como lexemas; b) os verbos gramaticais cuja função primeira ou única não é exprimir uma situação, mas carregar categorias verbais e/ou exercer funções ou papéis textuais determinados. Encontramos os seguintes subtipos de verbos gramaticais: os marcadores de relevância, os marcadores temporais, os ordenadores do texto, os marcadores conversacionais, as expressões e os carregadores ou suportes de categorias do verbo. Estes últimos incluem os verbos de ligação, aqueles em que a situação é expressa por um nome e os auxiliares (modais, temporais, aspectuais, de voz, semânticos). Para maiores detalhes ver TRAVAGLIA (1981 e 1991).

<sup>7</sup> Em nossas pesquisas temos trabalhado basicamente com o seguinte quadro de tipos de situações: a) situações dinâmicas, cujas fases são necessária e obrigatoriamente diferentes. Subtipos: ações, fatos, fenômenos; b) situações estáticas, cujas fases são idênticas. Subtipos: estados, localizadores e constantes. Para maiores detalhes ver TRAVAGLIA (1981 e 1991).

estado são verbos de ligação (gramaticais): média de 15,5% na descrição e 12% na dissertação.

c) os verbos gramaticais aparecem em maior porcentagem nos textos dissertativos (média de 23%), sobretudo os auxiliares modais das mais diferentes modalidades (média de 7% dos verbos gramaticais presentes nos textos dissertativos). Este tipo de verbo gramatical ao lado das expressões, dos verbos de relevância e dos ordenadores do texto parecem ser característicos da dissertação. Em segundo lugar temos a narração (com média de 17%), mas aqui o predomínio é dos marcadores temporais, dos auxiliares aspectuais e semânticos que parecem ser mais característicos desse tipo de texto e os auxiliares de voz. Em terceiro lugar a injunção (5,6%) com predomínio dos auxiliares modais (3%), mas aqui só temos modalidades imperativas. Em quarto a descrição (média de 3,8%, mas variando de acordo com o subtipo de descrição). Na descrição o tipo de verbo gramatical predominante depende do subtipo (narradora ou comentadora<sup>8</sup>) e coincide com os tipos predominantes respectivamente na narração e dissertação. No que se refere aos verbos de ligação vide item **b** acima.

2) continuidade de formas e categorias verbais (aspecto, modo, tempo, pessoa, voz) no texto como um todo em relação com diferentes tipos de texto. Esse tipo de continuidade é bastante importante como mecanismo coesivo e para a caracterização de tipos de texto. A seguir damos alguns exemplos de continuidades de aspecto<sup>9</sup>:

a) os aspectos imperfeito, começado e cursivo<sup>10</sup> caracterizam a dissertação e a descrição, pois aparecem na quase totalidade dos verbos em que o aspecto se atualiza (a menor porcentagem é 98,75%);

b) os aspectos de duração ilimitada (indeterminado e habitual) caracterizam a dissertação (88,39%), o que está de acordo com a função deste tipo de texto de apresentar idéias, conceitos, etc. como válidas independentemente do tempo;

c) o aspecto perfectivo caracteriza a narração onde temos uma média de 78% desse aspecto para os verbos com aspecto atualizado. Todavia é preciso registrar que o imperfeito que aparece nas narrações (média de 22%) ocorrem em trechos descritivos ou dissertativos que constituem pano de fundo ou avaliações. Assim pode-se dizer que a narração tem uma continuidade de 100% de perfectivos.

Um outro fato que pudemos observar em nossos estudos foi a **correlação existente entre “tipos de verbos e situações e formas e categorias verbais”** de um lado

---

<sup>8</sup> Cf. TRAVAGLIA-1991.

<sup>9</sup> Em TRAVAGLIA (1991: cap. 6) registramos com maior detalhe os resultados de nossos estudos realizados a este respeito, não só com relação ao aspecto, mas também com relação às demais categorias do verbo.

<sup>10</sup> Cf. o quadro de aspectos proposto por TRAVAGLIA-1981.

e “**superestruturas textuais**” de outro. Em TRAVAGLIA (1991: cap.6) registramos um grande número de correlações que encontramos para o Português entre o verbo (formas e categorias verbais) e as partes das superestruturas de textos descritivos, dissertativos, injuntivos e narrativos, constatando que elas estão diretamente ligadas às continuidades referidas acima para os diferentes tipos de textos. WEINRICH (1968) trata de tais correlações ao afirmar que o pretérito imperfeito predomina na introdução e na conclusão de textos narrativos das línguas que estudou sobretudo o Francês. Para o Português BASTOS (1985), com fins pedagógicos, e CASTRO (1980), num estudo quantitativo, estabelecem correlações entre os tempos verbais e as partes da narrativa propostas por LABOV e WALETZKY (1967) e LABOV (1972).

Alguns fenômenos de concordância podem ser considerados como um recurso de coesão por reiteração ou recorrência, que será referencial se tomarem o mesmo referente como no caso da concordância de número e pessoa entre o verbo e o sujeito; seqüencial no caso de não se retomarem referentes, mas apenas haver uma interdependência entre os elementos do texto tal como nos casos especificados abaixo:

a) concordância entre as formas e categorias dos verbos de orações encadeadas em um período composto e dos verbos de frases encadeadas no texto. Seria o caso dos fatos tradicionalmente identificados com o nome de “concordância dos tempos”. Um exemplo é a correlação entre pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito como na frase de (1).

(1) Se ele viesse ao Brasil, faria uma conferência em nossa Universidade.

b) concordância entre as formas e categorias verbais e outras classes de palavras ou constituintes da cadeia lingüística, tais como advérbios e adjuntos adverbiais, conjunções, preposições, sujeito, etc. Neste caso estão fatos como os estudados por HINRICHS (1986) ao falar de anáfora temporal; os casos de concordância entre aspecto verbal e os adjuntos adverbiais ou o número do sujeito ou do objeto levantados por TRAVAGLIA (1981) e os casos de concordância entre aspecto e adjunto adverbial que registra ILARI (1989) ao tratar do que ele chamou de advérbios aspectuais.

O verbo (suas formas e categorias) atua como recurso de coesão seqüencial por progressão, quando funciona como ordenador ou sequenciador de um modo geral<sup>11</sup>. Neste caso estão funções do verbo tais como:

1) o seqüenciamento ou ordenação temporal das situações presentes no texto que pode ser de dois tipos:

---

<sup>11</sup> Sobre o funcionamento do verbo como ordenador ou sequenciador veja TRAVAGLIA (1991), sobretudo o capítulo 5.

a) a indicação da ordem cronológica de realização das situações no mundo real. Vários autores tratando da ordenação de eventos nas narrativas em diversas línguas propõem que ela seria função ou seria influenciada entre outros fatores pelo aspecto e/ou pelo tempo dos verbos (Cf. DOWTY-1986, HINRICHS-1986, NERBONNE-1986, HOPPER-1982 e RAFFERTY-1982). Em TRAVAGLIA (1991:cap.5) propomos um princípio geral de ordenação cronológica de situações válido para os diferentes tipos de textos que diz que essa ordenação é feita basicamente pelo aspecto dos verbos presentes no texto com interferência de alguns outros elementos inclusive o tempo dos verbos.;

b) a ordem em que as situações se apresentam na linearidade do texto. Neste caso o verbo funcionará como um recurso de coesão seqüencial por progressão com encadamento por justaposição através de partículas seqüenciadoras ou continuativas de frases ou seqüências textuais. O verbo atua na ordenação textual de duas maneiras:

- através dos tempos (passado, presente, futuro) de verbos enunciativos (falar, dizer, perguntar, afirmar, citar, expor, etc.) ou de verbos de tratamento de tópico (discutir, provar, analisar, demonstrar, resumir, descrever, etc.), marcando segmentos da seqüência linear da superfície textual como anteriores, simultâneos ou posteriores a um outro ponto da mesma seqüência<sup>12</sup>;

- através do valor do seu semantema alguns verbos remetem a partes do texto ou a partes de unidades de composição do texto (parágrafos, itens ou seções, capítulos, etc.). Neste papel de ordenadores textuais podem vir ou não acompanhados de verbos enunciativos ou de tratamento de tópico e remetem ao início do texto ou de partes deste (começar, iniciar, principiar), ao meio do texto ou de partes dele (seguir, prosseguir, continuar) ou ao final do texto ou partes dele (acabar, finalizar, terminar, fechar, concluir<sup>13</sup>.

2) o seqüenciamento ou ordenação das fases ou etapas de uma situação que se faz basicamente através dos aspectos verbais caracterizados pelas fases de realização (não-começado/começado ou não-acabado/acabado) e pelas fases de desenvolvimento (inceptivo/cursivo/terminativo) e complementarmente pelas noções temporais de “futuro muito próximo ou “iminência de realização” e de “passado recente”<sup>14</sup>.

3) o seqüenciamento ou ordenação de tipos de situações que propomos ser feito através do próprio tipo de situação indicada pelo verbo tal como nas seqüências de (2) e (3)<sup>15</sup>.

---

<sup>12</sup> Para maiores detalhes e exemplos cf. TRAVAGLIA (1991:206-212).

<sup>13</sup> Para maiores detalhes e exemplos cf. TRAVAGLIA (1991:206-212).

<sup>14</sup> Ver TRAVAGLIA (1991:135-139).

<sup>15</sup> Ver TRAVAGLIA (1991:95-96 e 133-135).

(2) situação inceptiva ---> processo ---> situação terminativa.

- a) partir ---> ir/vir ---> chegar
- b) decolar ---> voar ---> aterrissar
- c) ----- procurar ---> achar
- d) começar  
a estudar ---> estudar ---> terminar de estudar.

(3) estado ou característica ---> mudança de estado /transformativo ---> novo estado ou característica

- a) ----- engordar ---> estar gordo
- b) estar ou ser doente ---> sarar/ficar bom ---> estar ou ser sadio ou estar bem/bom

Todos estes fatos do uso do verbo (suas formas e categorias) ligados à coesão são relacionados e devidos à construção e estruturação do texto, ou seja, à constituição do texto enquanto tal.

### 3. VERBO E COERÊNCIA

**3.1** - Entendemos por coerência a possibilidade que tem uma seqüência lingüística de fazer sentido para seus usuários (produtor/recebedor), ou seja, de produzir um efeito de sentido na interação comunicativa, ela é portanto como propõe Charolles um princípio de interpretabilidade. A coerência será, por isto, o critério básico de textualidade, quer dizer, é a coerência que faz de uma seqüência lingüística um texto<sup>16</sup>. Dentro dessa visão tudo o que afeta o sentido que se pode ou não estabelecer para o texto tem a ver com a coerência. Daí propormos como fatores de coerência: o conhecimento lingüístico (incluídos aqui os mecanismos de coesão), o conhecimento de mundo, o conhecimento partilhado entre os interlocutores, as inferências, fatores pragmáticos (tais como fatores de contextualização, atos de fala realizados), a situacionalidade, a intencionalidade e a aceitabilidade, a informatividade, a focalização, a intertextualidade, a relevância e a consistência<sup>17</sup>. Portanto, tudo o que se relaciona com e afeta de alguma forma o efeito de sentido que uma seqüência lingüística pode estabelecer entre interlocutores numa situação concreta de interação comunicativa deve ser considerado como uma contribuição à coerência textual, inclusive os próprios mecanismos de coesão.

A seguir enumeramos alguns fatos do uso dos verbos (suas formas e categorias) que nos parecem pertinentes como contribuições dessa classe de palavras

---

<sup>16</sup> Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1989) e (1990).

<sup>17</sup> Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1989) e (1990).

enquanto tal à coerência dos textos, além daqueles ligados à coesão que elencamos no item 2. Naturalmente o conhecimento de mundo que os verbos ativam através de seus semantemas tem a ver com a coerência, mas neste caso ele tem uma contribuição que é da mesma espécie da de outros tipos de itens lexicais como os nomes. O que tentaremos destacar aqui são contribuições específicas do verbo derivadas de sua especificidade como um tipo de vocábulo, incluindo aí suas formas e categorias.

Os fatos que vamos elencar têm a ver tanto com a constituição do texto enquanto tal (sua construção e estruturação) quanto com a relação e interação entre os interlocutores (produtores e recebedores dos textos) em uma situação de comunicação.

### 3.2 - Vejamos primeiro os fatos devidos à constituição do texto enquanto tal.

Ligada à informatividade temos a questão da **progressão**, entendida como o avanço do assunto ou temática do texto em contraposição à **elaboração de um ponto**. Observa-se que há uma especialização, uma correlação de certas formas e categorias verbais com a progressão e de outras com a elaboração de um ponto. Alguns estudos que tratam dessa correlação para diferentes línguas e diferentes tipos de textos são: KALMÅR (1982) que relaciona modos com progressão (para ele desenvolvimento) e elaboração em narrativas do Inuktitut (dialeto esquimó), RAFFERTY (1982) que relaciona aspecto perfectivo com progressão nas narrativas indonésias, HOPPER (1982) que relaciona o perfectivo com progressão na narrativa e TRAVAGLIA (1991 e 1993) que relaciona formas e categorias verbais (sobretudo o aspecto) com progressão e elaboração de um ponto em textos descritivos, dissertativos, injuntivos e narrativos do Português.

Dentro da constituição do texto, diversos **fenômenos de relevância** que têm a ver com a informatividade apresentam correlações com formas e categorias verbais.

O primeiro destes fenômenos de relevância é o estabelecimento de contraste entre **figura e fundo** entre **primeiro e segundo planos** no texto. Estudos como HOPPER (1982) (malaio), LI, THOMPSON e THOMPSON (1982) (Mandarin), RAFFERTY (1982) (Indonésio) e TRAVAGLIA (1991) (Português) afirmam que o estabelecimento de figura e fundo é feito pelo aspecto nas narrativas: perfectivo (figura) e imperfectivo (fundo). WEINRICH (1968) coloca o estabelecimento de figura e fundo como função dos tempos verbais e KALMÅR (1982) afirma que, no Inuktitut, a figura e o fundo seriam dados pelos modos.

O segundo dos fenômenos de relevância é a **organização das informações do texto em termos de informações essenciais e secundárias**. KALMÅR (1982) diz que no Inuktitut é o modo verbal que organiza as informações na narrativa, conforme elas sejam essenciais ou secundárias. TRAVAGLIA (1991) constatou haver uma correlação entre formas finitas e informação essencial ou principal e formas nominais e informação secundária em diversos tipos de texto (descrição, dissertação, injunção e narração) do Português.

O terceiro fenômeno de relevância é a indicação de **relevância pragmática de uma situação ou algo** no texto (acontecimento, estado, comentário) **para a situação presente** (o aqui e o agora) ou **para um ponto de referência**. LI, THOMPSON e



THOMPSON (1982), consideram o aspecto que chamam de “perfeito” como exercendo esta função de relevância no Mandarim através da partícula “-LE”. No Português, pudemos verificar que esta função de relevância é exercida pela categoria de tempo que denominamos de “passado até o presente” expressa por formas perifrásticas como “tem falado”, “vem falando” (que marcam relevância para o presente) ou “vinha falando” (relevância para um ponto referencial no passado).

O último dos fenômenos de relevância é a questão da **focalização** que é o destaque dado a um tipo de elemento do texto. Os elementos que podem ser focalizados variam de acordo com o tipo de texto<sup>18</sup>. Assim, na narrativa, pode-se ter o foco: a) no participante e seus estados; b) nos acontecimentos; c) no próprio falante. KALMÀR (1982) registra que no Inuktitut os diferentes modos focalizam os acontecimentos (modos MOI, relativo e aposicional) ou o estados dos participantes resultantes dos acontecimentos (modo participial). Até o momento parece-nos que o Português não marca essas diferentes focalizações na narrativa pelo menos através do verbo. As continuidades de pessoa nos textos do Português parecem ser resultado de focalização do produtor do texto nele mesmo (1ª pessoa), no interlocutor (2ª pessoa) ou em algo distinto dos interlocutores (3ª pessoa) (Cf. a questão do foco narrativo discutida pela Teoria da Literatura)<sup>19</sup>.

Pode-se perguntar se dentro da estrutura informacional dos textos o verbo, através de suas formas e categorias, exerce algum papel ou função no que diz respeito à **marcação da oposição entre dado/novo**. É nossa hipótese que, pelo menos no Português o verbo não contribui para a marcação dessa oposição.

O verbo pode contribuir também na constituição do texto com fatos ligados à **organização de situações**. As possibilidades a serem verificadas são muitas: organização de episódios na narrativa; de conceitos, relações, argumentos, especificações, generalizações, etc. na dissertação; de características na descrição e de determinações na injunção. A este respeito WOLFSSON (1979) conclui que, nas narrativas conversacionais no Inglês americano, a alternância entre o pretérito perfeito simples e o presente histórico serve textualmente para separar episódios na história, colocando os mais dramáticos para o falante no presente histórico. Isto coincide com a proposição de WEINRICH (1968:161-164), que tratando das metáforas temporais, afirma que o uso do presente do indicativo (tempo do comentário) para narrar “empresta ao relato maior tensão e dramatismo”. O observado por Wolfsson para o Inglês ocorre também no Português.

Ainda na constituição do texto o verbo pode contribuir nos fenômenos ligados ao **ponto de vista** do produtor do texto. A Teoria da Literatura estuda diferentes características dos textos narrativos em função do ponto de vista do narrador, que como vimos se liga também à questão da focalização. FILLMORE (1981), discutindo a importância da pragmática para a descrição do discurso, ao tratar das contextualizações permitidas pelas expressões lingüísticas usa para exemplo um tipo de texto dado pelo ponto de vista (texto narrativo onisciente seletivo) e mostra como isto afeta o uso dos

---

<sup>18</sup> Cf. TRAVAGLIA (1991: 105-106).

<sup>19</sup> Cf. TRAVAGLIA (1991: cap. 6 item 6.3.4).

elementos lingüísticos inclusive os tempos verbais. SMITH (1986), usando dados do Inglês e do Francês, propõe que o aspecto marcaria o ponto de vista do qual uma situação é apresentada pelo falante. No Português, ao usar o perfectivo, o falante estaria adotando um ponto de vista do qual a situação é vista como um todo, em sua globalidade e ao usar o imperfectivo o ponto de vista seria não o da globalidade da situação, mas a sua visão em uma de suas partes<sup>20</sup>.

**3.3** - Passemos agora aos fatos devidos à relação e à interação entre os interlocutores (produtores e receptores dos textos) em uma situação de interação comunicativa. Neste caso estes fatos podem resultar: a) de determinações sócio-históricas em formações discursivas que podem ou não ser explicitadas em regras e convenções de comportamento e relacionamento social no uso da língua; b) das intenções dos usuários da língua, o que resulta em todos os fatos de argumentação; c) das imagens que os interlocutores fazem de si, do outro, do assunto ou objeto do dizer; e das imagens que eles julgam que os outros fazem de si, do outro, do assunto ou objeto do dizer.

Inicialmente temos os **fenômenos ligados à argumentação** entendida esta como a intencionalidade num sentido amplo, ou seja, abrangendo todas as maneiras como produtores usam textos e os elementos que os constituem para perseguir e realizar suas intenções e objetivos, construindo textos adequados à obtenção dos efeitos desejados pela utilização de marcas ou pistas que orientam os enunciados no sentido de determinadas conclusões<sup>21</sup>. Nesta perspectiva pode-se propor que todos os fatos de uso do verbo têm sempre uma dimensão argumentativa e é preciso estar atento a ela nos estudos sobre verbo para detectar e estabelecer regularidades argumentativas de caráter geral em termos de valores básicos dos quais podem derivar usos e valores particulares. Vejamos para exemplo alguns estudos que já trataram dessa questão. GUIMARÃES (1979) estuda a dimensão argumentativa das modalidades no Português demonstrando que elas são ilocucionais e apresentam uma orientação argumentativa, organizando-se em escalas argumentativas. LAVANDERA (1985:73-75 e 116-134) observa a alternância entre subjuntivo e indicativo em textos de entrevistas no Espanhol, mostrando como o primeiro ocorre como uma estratégia argumentativa para dar maior credibilidade à ocorrência do segundo. KOCH (1984) estudando a argumentação na linguagem, trata de várias questões ligadas ao verbo. Em TRAVAGLIA (1991) em vários momentos ressaltamos a dimensão argumentativa de certas regularidades de uso do verbo.

Em segundo lugar queremos lembrar os fenômenos ligados à situação. Incluem-se aqui é a questão dos **verbos que lexicalizam uma indicação dêitica**, fazendo sua utilização e interpretação dependerem diretamente da situação. São exemplos de tais verbos no Português: ir/vir, partir/chegar, levar/trazer, zarpar/atracar (nestes é fundamental à localização do produtor), emprestar (para verbos como emprestar o sentido depende diretamente de quem é o locutor no jogo de sentido entre tomar ou dar em empréstimo). Pode-se lembrar aqui também os fatos relacionados com as **categorias**

---

<sup>20</sup> Cf. TRAVAGLIA (1981).

<sup>21</sup> Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1989) e (1990).

**verbais dêiticas** (pessoa e tempo) e a ancoragem que fazem do texto na situação de interação, na situação de enunciação.

Em terceiro lugar temos os **fenômenos ligados às imagens**. Aqui se incluem:

1) os fatos de uso do verbo devidos ao que chamamos de **valores discursivos básicos**. Estes são ligados à relação do falante com o que diz, à imagem que ele faz daquilo de que fala, do tópico ou à imagem que quer fazer acreditar que tem desse assunto ou tópico. Esses valores podem resultar em muitos outros subsidiários e se prestam fundamentalmente a usos argumentativos. Levantamos quatro desses valores que parecem ser importantes para o funcionamento textual do verbo no Português e para o estabelecimento da coerência dos textos:

a) determinado/indeterminado;

b) realidade/irrealidade;

c) comprometimento / não comprometimento (esses valores podem ser derivados de **b**);

d) as modalidades;

2) o uso de **verbos como marcadores conversacionais**, o que parece dever ao fato do produtor do texto fazer uma imagem:

a) do assunto, por exemplo, como algo não totalmente definido, o que geraria o uso de verbos marcadores tais como: parece, eu acho que, digamos assim, etc. (que neste caso são um tipo de modalizadores);

b) do interlocutor (real ou virtual) em termos de sua provável reação ao que ele diz (aceitação ou não, compreensão ou não, por exemplo) de sua atenção ou não, de seu conhecimento ou não, etc., surgindo, então, verbos marcadores tais como: entendeu?, sabe?, veja bem, concorda?, não foi?, não é?, sabia?

Naturalmente há verbos funcionando como marcadores e utilizados pelo receptor do texto. Neste caso eles funcionam como orientação para o produtor, revelando concordância, discordância, atenção, interesse, questionamento, etc. Alguns exemplos seriam: sei, é, foi?, não diga, diga, continua, duvido, discordo, etc.

Ao tratar dos marcadores conversacionais tanto MARCUSCHI (1985, 1986, 1987) quanto CASTILHO (1989) incluem vários verbos em suas listas de marcadores. CASTILHO diz que os marcadores (e entre eles os verbos) “veiculam avaliações do falante a respeito do que ele fez constar no núcleo, contêm instruções que orientam a

interação e organizam as formas de desenvolvimento temático”, portanto têm tudo a ver com o estabelecimento da coerência do texto de que fazem parte.

Finalmente temos os **fenômenos ligados a formações discursivas** que determinam o uso preferencial de certas formas verbais e de determinados valores delas em determinadas situações, em função de um certo tipo de relacionamento com a ideologia. Vamos apresentar aqui apenas um caso que nos parece muito produtivo no Português do Brasil. Trata-se de todos os usos do verbo (suas formas e categorias) resultantes da regra de interação implícita em nossa sociedade segundo a qual deve-se, na relação com outrem, evitar confrontação aberta, direta, ostensiva. Aqui vão se incluir todos os fatos conseqüentes ao princípio de preservação das faces<sup>22</sup> e todos os usos advindos da polidez e da cortesia. Daí encontrar-se, nas gramáticas do Português e manuais de estilo, referências constantes a pretérito imperfeito do indicativo e a futuro do pretérito de cortesia; ao uso do imperativo com recursos de atenuação da ordem e ao uso da primeira pessoa do plural pela do singular, caracterizando o plural de modéstia ou uma espécie de impessoalização, como nos textos dissertativos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso não esquecer que, sendo a coesão um dos fatores de coerência dentro dos conhecimentos lingüísticos, os fatos de funcionamento textual do verbo ligados à coesão são também ligados à coerência. Pode-se ver também como contribuições dos verbos à coerência textual, além do especificado em 2 e 3 e do valor do seu semantema, as contribuições que fazem ao sentido do texto as instruções de sentido contidas nas diversas categorias do verbo (modalidade, tempo, aspecto, voz, pessoa) através dos seus valores básicos, fundamentais e dos valores daí derivados.

Evidentemente não pretendemos ter esgotado o elenco das possíveis contribuições, mesmo porque, embora os fatos elencados acima pareçam ser comuns a muitas línguas, pode haver fatos que aparecem em línguas sobre as quais não se fizeram estudos sobre o funcionamento textual-discursivo do verbo e estudos aos quais não tivemos acesso e que já registram fatos que aumentariam o elenco de contribuições acima. Todavia cremos ter atingido nosso objetivo de evidenciar que o verbo (através de suas formas e categorias e também de seus tipos e dos tipos de situações que exprime) tem uma importância capital na constituição e estruturação do texto e para a interação que se estabelece através deste, contribuindo de forma considerável para a coesão e a coerência dos textos.

---

<sup>22</sup> A noção de face foi desenvolvida por GOFFMAN e levada adiante por BROWN e LEVINSON. A face é a auto-imagem pública que o indivíduo quer preservar e ver preservada de modo que os interactantes buscam essa preservação. “Toda pessoa teria uma face negativa (a esfera do território pessoal a ser defendido, sua liberdade de ação e seus desejos de não-imposição) e uma face positiva (o desejo de aprovação e reconhecimento de sua “personalidade” e vontade). (Apud MARCUSCHI-1989:284).

O estudo dessas contribuições parece ser ainda incipiente e merece, sem dúvida, uma atenção especial dos estudiosos da língua neste campo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, Lúcia Kopschitz Xavier (1985). **Coesão e coerência em narrativas escolares escritas**. Campinas: Editora da UNICAMP.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de (1987). “Para o estudo das unidades discursivas no Português” in CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989:249-279.
- CASTRO, Vandersi Sant’Ana (1980). **Os tempos verbais da narrativa oral**. Campinas: Dissertação de Mestrado/ UNICAMP-IEL.
- DOWTY, David R.(1986). “The effects of aspectual class on the temporal structure of discourse: semantics or pragmatics” in **Linguistics and Philosophy**, vol. 9 n° 1 - DOWTY, David (ed.). **Tense and aspect in discourse**. Dordrecht / Boston / Lancaster / Tokyo: D. Reidel Publishing Company, 1986: 37-61.
- FILLMORE, Charles J. (1981). “Pragmatics and the description of discourse” in COLE, P. (ed.).**Radical pragmatics**. Nova York: Academic Press, 1981:143-166.
- GUIMARÃES, Eduardo R. J. (1979). **Modalidade e argumentação**. São Paulo: Tese de doutorado, Universidade de São Paulo.
- HINRICHS, Erhard (1986). “Temporal anaphora in discourses of English” in **Linguistics and Philosophy**, vol. 9 n° 1 - DOWTY, David (ed.). **Tense and aspect in discourse**. Dordrecht / Boston / Lancaster / Tokyo: D. Reidel Publishing Company, 1986: 63-82.
- HOPPER, Paul J.(1982). “Aspect between discourse and grammar: an introductory essay for the volume” in HOPPER, Paul J. (ed.). **Tense-aspect:between semantics and pragmatics**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982: 3-18 (Typological Studies in Language - Vol. 1)
- ILARI, Rodolfo (1989). **Sobre os advérbios aspectuais**. Texto apresentado no II Seminário do Projeto Gramática do Português Falado. Cópia de inédito, novembro de 1986. 36 pp.
- KALMÀR, Ivan (1982). “The function of Inuktitut verb modes in narrative texts” in HOPPER, Paul J. (ed.). **Tense-aspect:between semantics and pragmatics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982: 45-64 (Typological Studies in Language - Vol. 1).
- KOCH,Ingedore G. Villaça (1984). **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez.
- KOCH, Ingedore G. Villaça (1988). “Principais mecanismos de coesão textual” in **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas: UNICAMP/IEL, jul/dez 1988: 73-80.
- \_\_\_\_\_ (1989). **A coesão textual**. São Paulo: Contexto.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1989). **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_ (1990). **A coerência textual**. São Paulo: Contexto.
- LABOV, Willian (1972). “The transformation of experience in narrative syntax” in **Language in the inner city. Studies in the black english vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972:354-396.
- \_\_\_\_\_ e WALETZKY, Joshua (1967). “Narrative analysis: oral versions of personal experience” in HELM, J. (ed.). **Essays on the verbal and visual arts**. Washington: Washington University Press, 1967: 12-44.
- LAVANDERA, Beatriz R. (1985). **Curso de linguística para el analisis del discurso**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.

- LI, Charles; THOMPSON, Sandra A. e THOMPSON, R. McMillan (1982). "The discourse motivation for the perfect aspect: the mandarin particle LE" in HOPPER, Paul J. (ed.). **Tense-aspect: between semantics and pragmatics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982: 19-44 (Typological Studies in Language - Vol. 1).
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (1985). **Marcadores conversacionais: tipos, funções e coocorrências**. Recife: UFPE, cópia de texto inédito. 23 pp.
- \_\_\_\_ (1986). **Análise da conversação**. São Paulo: Ática.
- \_\_\_\_ (1989). "Marcadores conversacionais do Português brasileiro: formas, posições e funções" in CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). Campinas: Editora da UNICAMP, 1989:281-321.
- NERBONNE, John (1986). "Reference time and time in narration" in **Linguistics and Philosophy**, vol. 9 n° 1 - DOWTY, David (ed.). **Tense and aspect in discourse**. Dordrecht / Boston / Lancaster / Tokyo: D. Reidel Publishing Company, 1986: 83-95.
- RAFFERTY, Ellen (1982). "Aspect in conversational Indonesian" in HOPPER, Paul J. (ed.). **Tense-aspect: between semantics and pragmatics**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982: 65-86 (Typological Studies in Language - Vol. 1).
- SMITH, Carlota (1986). "A speaker-based approach to aspect" in **Linguistics and Philosophy**, vol. 9 n° 1 - DOWTY, David (ed.). **Tense and aspect in discourse**. Dordrecht / Boston / Lancaster / Tokyo: D. Reidel Publishing Company, 1986: 97-115.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1981). **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia.
- \_\_\_\_ (1991). **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil**. Campinas: Tese de doutorado, UNICAMP/IEL.
- \_\_\_\_ (1993). **Categorias e formas verbais e a progressão textual**. Uberlândia, texto apresentado no 1º Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes das Universidades Federais Mineiras, realizado em São João D'el Rei de 25 a 28/05/1993. 10 pp.
- WEINRICH, Harald (1968). **Estructura y función de los tiempos en el lenguaje**. Madrid: Gredos.